

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publico-se nos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na  
typographia do Paiz, Largo do Palacio n. 17.

NUMERO 43.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 1.º DE DEZEMBRO DE 1872.

### O QUADRO DA IGREJA. (ALFRED DE MUSSET).

Saqueava-se a cidade.

Ao pôr do sol, quando emudeceo o canhão,  
entrei em uma igreja.

Eu buscava um lugar onde descansasse o corpo  
fatigado; julgando, pelo silencioso da nave, que o  
templo estava deserto, adiantei-me precipitadamente.

Tu sabes, Henrique, não sou eu o unico que  
tenha fallado do terror de que se apoderão alguns  
homens... Mas porque fallar-te d'elles?

Nem a triste solemnidade dos monumentos,  
nem a obscuridade da noite dominão-te a alma;  
esse mundo invisivel que o vulgo entreve nas trevas,  
é, a teu ver, um sonho.

Caminhei sob profundas abobodas, até parar  
em uma pequena capella, que parecia favoravel  
ao meu designio: n'este momentourgia o repouso.  
A cada instante cerravao-se-me os olhos contra a  
vontade. Todavia recendeo-se-me o sangue à  
vista de certo quadro que descobri.

«Acabae, acabou, miseraveis ornamentos, filhos  
de tempos que já passarão! Desaba, carcomido

edifício de superstições; o sol que morre te levará  
consigo, porque o que amaldiñ nacer recusará  
allumiar-te.» Assim exclamei furioso enquanto  
que, com ajuda de minha espada, deitava por  
terra o quadro meio quebrado! No auge da colera  
arrojéi para longe os vasos sagrados.

Voltou-me com a calma a admiração pelo meu  
acto irreflectido. O dia, que penetrava fracamente  
pelas vidraças de varias cores, fugia rapido. Eu-  
costado a um dos pilares que sustinhão o tecto,  
resolvi esperar o somno.

A pouco e pouco se me acalmou o espirito;  
esta especie de embrutecimento que precede a  
perda de reflexão, apoderou-se de mim; os ob-  
jectos parecião cruzar-se incertos no espaço. Na-  
turalmente abaixei a cabeça e meus olhos, quasi  
fechados, encontrarão a pintura que jazia no  
chão.

Quanto tempo demorei o olhar assim fixo so-  
bre esta tela, em que eu nada distingua, como a  
imaginação luzio-me um instante antes de se  
extinguir totalmente, não sei dizer.

Uma larga abertura separava a tela da moldu-  
ra, fendida por muitos golpes. Um ultimo raio  
de sol que se estendeo pela superficie e que foi  
talvez a causa da reflexão que fiz, mostrou-me  
ser o assumpto escolhido pelo artista um *Noli  
me tangere*. Era evidentemente obra de um roma-  
nista e, posto que antigo, não me pareceo de

## FOLHETIM DO DOMINGO.

### Anselmo.

FRAGMENTOS DE UM POEMA INEDITO, POR—GONÇALO.

#### CANTO I.

.....  
E' meia noite: o quarto de Anselmo é solitario:  
o lugubre recinto de *aspecto litterario*  
de sobo uma bugia, mettida em uma garrafa,  
allumiando está. Anselmo o punho estafa,  
escreve, escreve, e tanto que a mão se lhe fraqueja...  
— «Ó Ferrabraz, ó lonco, sustentas a peleja  
da minha penna? e tu, Gonçalo esbugalhado?  
e vós, ó Cesarine, com Molière ao lado?»—  
Assim medita Anselmo: escreve, escreve, escreve...  
e o somno visitar-lhe os olhos vem de leve.  
Levanta-se: está ebrio de somno e de cachaca;  
de castiçal embora agora as vezes faça  
a classica garrafa, já teve internamente

.....  
a *branca*, com que fica o nosso heróe contente.  
Depois de um prolongado e burrido bocejo,  
na rede, habitação de muito perecevejo,  
espicha-se Anselmo, e nesta posição  
medita sobre a vida que leva em Maranhão:  
— «O tal *Domingo* fez-me passar por disabores;  
principiou dizendo aos seus muitos leitores  
que trago uma almofada debaixo do casco,  
o que desagradou-me e fez-me dar cavaco.—  
E mergulhando os dedos na cabeleira hirta:  
— «Nem casa de familia nãdo me divirta,  
— disse —, encontro agora! não ha quem me receba!  
não ha quem me caracter estulo e não perecha!  
P'ra mais amesquinhar-me me chamam *sacarralhas*...  
Oh! eu que tenho escripto e redigido folhas  
chamar-me *saca*...» e dorme. N'um canto da pousada  
do *frak do dandy* deitado na almofada,  
um gato tambem dorme. E' facto: os litteratos  
sentimentaes assim têm muito amor aos gatos.  
.....

bom tempo, a julgar pelo colorido das partes escuras. Um vigor affectado e como que um emprestado ar de grandioso, mostrá-vão que o pintor pertenceo á escola dos dous usos. A cabeça do Christo atrahio-me a attenção e não me custou a convencer que era produção de um genio original e innovador. Os contornos, nem erão muito pronunciados, nem buscavão imitar as composições delicadas de Raphaël; porem um sentimento de funda tristeza predominava ali.

Augusto Gabriel.  
(Continúa).

### Um baile.

(Vid. o n. 52).

#### II.

Bem se póde viver sem dança ou baile,  
mal se póde existir com elle ou ella.

F. Reimar.—Clara Verbena.

A valsa principia; a valsa, a louca valsa,  
a dança onde a loucura atrahê, fulge, realça!  
A valsa! prazer mystico! ethereo! sublimado!  
só sabe o que é *gostoso* quem já tiver valsado...

E eu vi—danzando valsas—  
um vendedor de rebolas;  
já o snór das seroulas  
havia passado ás calças.  
— «De vagar, mais de vagar—,  
dizia lhe o lindo par;—  
mais de vagar, seu José.—  
«Compassado?—» — «Já se vê:  
vã mar:ando... agora de  
dous pulas em cada pé.—»  
E o *bananzela* pulava  
como o cabrito na veiga;  
com seu par — donzella meiga—  
o *brutalhão* contrastava.  
Das calças lhe desce o cox,  
e na carreira veloz

Dá meia hora ao longe, na torre, e a hogia  
no morno castiçal de dupla serventia  
se extingue n pouco e pouco. É solitario tudo,  
só o respirar se ouve do vate narigudo.

É a hora dos mysterios! das magicas visões!  
a hora em que padecem culpados corações!  
A hora em que Deus, no Céu, emprega esforços  
para enviar ao mundo os mais crueis remorsos!...

Anselmo sonha: o quarto cheio de visões está...  
a descripção do sonho com muito horror lerá  
o bom leitor.

A prima visão é—*Ferrabraz*,  
que nas *morenas* mãos, e *macilentas* traz  
chibante chicotinho. — «Que vens aqui fazer?—  
pergunta Anselmo, frio. — «Eu venho te trazer  
a tua chibatinha, tomada em certa festa  
p'ra ir-te ao lombo, ô vate: p'ra nada ella já presta...

Sumiu-se *Ferrabraz*; a *Castidade* vem  
e duas corôas virgens nas mãos nevadas tem.

de *Maseppa de salão*,  
turbado, co'a vista cega,  
o pobre homem escorrega  
e... Jesus! que trambullião!...

Agora, em verso exdruxulo,  
eu vou, leitor querido,  
vos dar um voto tímido  
dos *pulos de salão*;  
se o voto meu desgosta-vos,  
eu—logo arrependido,  
solicitarei, tremulo,  
benevolo perdão:

Eu cá prefiro a *schots*  
â tal *valsa rodada*,  
o pulo desta ultima  
andar faz tudo a roda;  
a *polka* é boa... *goza se*  
por ser mais compassada,  
e da *mazurka*—calo-me,  
pois já não stá na moda.

Mas entretanto é mystico  
da tal *mazurka* o gozo;  
não é da *valsa*—rapido—,  
que faz ligeiro o pé,  
nem o da *polka*—ephemero;  
mas é tão vagaroso  
como o andar do *cuter*  
que vae contra a maré!

Danzando-a,—temerario—,  
sou rei nos apertões;  
e vendo um rosto angelico  
ao rosto meu unido,  
febricitante, em extasi,  
eu digo aos meus hotões:  
— «É magostoso, é magico  
o passo assim... *comprido!*—

Jesus! que privilegio!  
que liberalidade!

E ella diz: Anselmo, tu vês estas corôas?...  
lembra-te que a tua boca impura defamou-as;  
mas eil-as, virgens, alvas... mas victimadas já  
pela calomnia torpe que Deus ás pestes dá.  
E não saberem os paes de semelhante infamia!  
que tu, para ganhares a mais indigna fama,  
não tremes, não vacilas...!

Sumiu-se a *Castidade*,  
e apparece agora no quarto uma trindade  
de homens de negocio, representando a próle,  
credôra—impaciente do nosso *Rocambole*!

A ultima visão é séria, e não é justo  
que minha lyra pinte aqui o todo angusto  
de um pae angustiado.....!

Meu Deus! quem tem um rabo  
p'ra que falla dos outros assim?...!

Aqui acabo  
o meu primeiro canto: no outro se ajuisa  
do nosso herôe a parte que tem no jornal *Brisa*.

(Continúa.)

poder o peito á um peito  
se comprimir — contente;  
e quanto um qualquer noivo  
não tem a liberdade  
de comprimir a noiva  
ao pé de muita gente! . . .

Poder dizer-se: — Amo-a—,  
sem precisar rodeios,  
nem procurar descidas  
do vigilante pae!  
poder a mão que enlaxa-a  
chegar ao fim das reios,  
e provocar dos lábios  
um suffocado: — *Ai!* . . .

E dizem-nos que o século  
da — luz — é corrompido,  
que faz a innocencia  
tornar-se um homem — máo!  
O *cocoricismo* estúpido  
já stá d'aquí banido;  
ó pessimistas, ide-vos . . .  
deixae *rolar o pau!*

Deixae! A virgem tímida  
a cambidez não perde,  
se soltar o homem  
que nunca viu — talvez! —  
Abaixo! morra o insípido  
danzar da *Gemma verde*,  
e o figurar nothética,  
chamado — *solo inglet!*

O delirar da época  
é o francezismo; — e só!  
No *solo* . . . *pa-ee tumultus* . . .  
total-o? nem de leve!  
O carran-ismo? vil-o  
allí, desfeito em pó! . . .  
Danzae, polae, ó jovens,  
pois Offenback escreve!

Deixae que venha o século  
da civilisação  
admittir nos bailes  
até mesmo o — *caucan* —;  
pois hoje, se de scandalos  
as dansas chetas são,  
o que serão — *calculum* —  
no dia de amanhã!

(Continúa).

A. A.

### O futuro político em 1837.

A. M. DE LAMARTINE.

(Boulevard.)

A *Celso de Magalhães*.

Qual fragil gondola a vogar sem bussola,  
Marcha da noite a humanidade em meio,  
Buscando embalde no horizonte téctrico  
Farel amigo, com geral receio  
Toda a equipagem do gageiro indaga,  
Que lá nas vergas o descanso tem:  
— Tu, cujos olhos o tufão penetram,  
Filho dos mares, nada vês além?

Interrompendo o começado canto  
Diz o gageiro: — Já que assim m'indagas

Devo dizer-te — um oceano vejo,  
Séculos perdidos a rolar co' as vagas,  
Pélagos immensos que um céu bronzeo cobre,  
Tum'lo dos tempos, das nações também . . .  
— A arca do mundo seu colombo espera;  
Filho dos mares, nada vês além?

— Enxergo ao longo, n'uma andaz jangada,  
Contra a tormenta, com valor estoico,  
Tristes proscriptos a lutar; são restos,  
Tropos sagrados d'um naufragio heroico;  
São os Polacos, que com o peito afflicto  
Os seus combates relatar nos vêm.  
— Aos exilados o Senhor dá patria.  
Filho dos mares, nada vês além?

— Enxergo o Norte accommettendo irado  
Sobre o Oriente, que já tem bastão,  
No sangue, embora, do vivaz janisaro  
Banha-se os pés p'ara remogar. Pois não!  
— Mas que barulho, semelhante ao raio,  
Cá nos ouvidos ecoar nos vêm?  
— E' o serralho que o Alcorão abate.  
— Filho dos mares, nada vês além?

Diviso mais em regiões ubérrimas  
As laranjeiras de jasmim no meio,  
E' terra pura que um sol puro inunda,  
Mas que p'los filhos tem rasgado o seio.  
Eil-o! o demonio da discordia infame . . .  
Mas Deus o braço já lhe deu também:  
Soluça aos pés d'uma mulher e morre.  
— Filho dos mares, nada vês além?

— De quem taes plagas? — São d'Ansonia, aonde  
Fumegam tendas d'inimiga horda:  
O despotismo lhe sopra o genio,  
Placida dorme dos volões á horda,  
Mas o Vesúvio que as algemas sente  
Pela cratera vomitando vem  
A liberdade em turbilhões de lavas.  
Filho dos mares, nada vês além?

Mas esqueçamos este mundo gasto,  
Mostra-nos outro generoso, amigo,  
Rico d'esp'rança, d'amizade e vigo,  
Sonho fagueiro, qu' é d'amor abrigo.  
Mostra essa terra de subtis perfumes,  
Que tantos fructos e que flores tem!  
Tu, que o mysterio do futuro entendes,  
Filho dos mares, nada vês além?

Sim! en o vejo da neblina em meio,  
Plantas humanas não o têm calcado:  
Sus! companheiros! no negror da noite  
Tem o relampago o brilhar mostrado.  
E pois deixemos o mentir do mundo,  
Que trédos males, sóes ingratos tem;  
Deus vai banhar os nossos sonhos d'ouro:  
Eia! a ventura nos accena além!

E sempre assim sobre o oceano eterno  
A humanidade fero olhar derrama:  
O bom gageiro, sentinella alerta,  
E's tu, poeta, com esse olhar de chamma.  
Quando a equipagem de joelhos resa,  
Quando o cansaço já prostrado a tem,  
Charo prophéta, Deus por ti lhes brada:  
Eia! a ventura vos accena além!

25 de novembro de 1872.

M. A. Lima Baratta.

## SONETO.

Se eu meco não sou,—vil não aceita  
Ser segundo em amor,—inteiro é nobre,  
Vale um throno:—partido, é dum throno pobre,  
Qu'en pobes, como sou, de altivo esgoda.

G. Dias.

Não me queixo, mulher: nem me convem  
Um instante contigo mais perder!  
Teimar, era miséria; aodes morrer  
Que de novo insençar-te! eu vivo hein...

Amei-te, como pôde amar um homem,  
Mentiste, como só pôde a mulher,  
Amei-te, amei-te muito, e nem sequer  
Meu amor comprehendeste! hoje também.

Despreso um — *reza cá* — muito desejo  
Faltar-lhe — pois já n'esse coração  
Não sou absoluto, e nem almejo!...

Fugiste, e te apagueste qual visão  
Da mente; que nem mesmo em sonhos vejo  
A ti, que já não tens meu coração!

Novembro—14—1872.

Ojara.

## CHRONICA.

*Oh! que abobora!*

Foi assim que principiou a semana, e é assim portanto que sou obrigado a começar a chronica.

Os leitores têm incontestavel direito a ficarem por momentos abismados, porque eu não poderei também facilmente explicar-lhe a minha admiração, quando ao passar na segunda feira ultima pela Praia Grande e logares adjacentes, só ouvia de todos os lados e pronunciada por todas as bocas, aquella estranhissima exclamação.

*Oh! que abobora!* Era assim que enigmatica e confusamente para mim, se propalava a novidade mais recente e também mais importante do dia.

Ora eu que, para o fiel cumprimento do dever que me impoz de chronista, tenho necessidade de saber de tudo, tratei logo de syndicar do facto, e cheguei á intelligência do seguinte, que vou expor textualmente, sem augmentar uma syllaba sequer ao que me contaram na Casa da Praça, e depois me foi exactamente reproduzido n'alfandega:

«Um viajante illustre aqui chegado ha poucos dias, na descripção minuciosa das suas impressões de viagem, deixou-se dizer que tinha visto, na exposição de Paris, uma abobora que pesava 163 a 170 kilogrammas,—o que no nosso peso antigo corresponde a onze arrobas e tanto!!!»

Terminada esta simples transmissão verbal, eu não pude deixar de repetir insensivelmente, e sem o menor vislumbre de malicia:

*Oh! que abobora!*

Ao meu lado, porem, achava-se um espirotooso

e satyrico mancebo que repentinamente improvisou e declarou a seguinte parodia:

«Tão grande era em tamanho que hem posso  
certificar-vos ver este o primeiro  
da França—estranhissimo colosso,  
que um milagre será do mundo inteiro!»

Riram-se todos da lembrança que chamaram de—adquada—, e só eu não dava accordo de mim por ter ficado completamente estupefacto com aquella narração

que, sem ensto nem trabalho,  
me collocau n'um momento  
«No faz de falso malho!» (1)

Eu tinha ficado mesmo que era um louvar a Deos! A minha imaginação phantasiava aboboras de calibre estupendissimo, e todavia eu achava que nenhuma poderia comparar-se á tal da exposição de Paris!

Neste estado de absorpção e quasi de idiotismo, palavra! cheguei a exclamar como o poeta:

Existo? Não sei se existo,  
sem ter desejos nem fé;  
mas se ao mundo eu disser isto,  
o mundo pasma e não crê!

Tal era a minha triste situação n'aquella mal-fadada hora; e como confesso que principiava a ser o alvo de todas as vistas e o imán de todas as attentões, passando em seguida a cair no ridiculo pela minha demarcada credulidade,

Dali me parto irado e quasi insano da *bomba* que eu ouvia assim narrada, a buscar outro sitio onde não visse quem d'um espanto natural se risse.

É verdade! Foi-me evahora, mas ninguém imagina que effeitos produzo em mim aquella nova!

Oxalá que os leitores, menos susceptíveis de arrepios e sobressaltos do que eu, possam engulir aquella *abobora!*... (credo!)—digo, possam erar sem hesitação no que nos disse o illustre viajante, para assim ajuisarem do progresso natural da vegetação europea...

E a não ser a *abobora*, não ha novidade com que deleite os leitores.

Eu queria ainda espichar esta resenta; mas o redactor, que está a meu lado, assegura-me que não ha espaço para tanto.

Assim pois, despeço-me dos benevolos leitores, esperando encontrar-os hoje na festa do hospital portuguez; temos *bonds* até onde está feito o calcamento, isto é, onde menos precisamos delles, tendo eu e os leitores de andarmos pela areia para ganharmos o hospital.

A sociedade recreativa familiar transferio a sua partida de dezembro para o dia 7

*Eloy, o heróe.*

(1) Verso de Fabio Ewerton.